

O SOL SE PÕE EM SÃO PAULO

CARVALHO, Bernardo. O sol se põe em São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Helena Hisako Toida
Profa. do Depto. de Estudos Luso-brasileiros da Universidade Sofia - Tóquio, Japão

O sol se põe em São Paulo, de Bernardo Carvalho, é um livro publicado em 2007 (São Paulo, Companhia das Letras, 164 pág.), ano em que falta 1 ano para o centenário da imigração japonesa no Brasil. O mesmo me foi enviado no momento oportuno por um amigo promissense, a quem agradeço por ter indicado uma obra tão reflexiva sobre a própria existência (ou melhor, identidade?) como nikkei vivendo no, Japão, país de meus antepassados.

Quem poderia imaginar, no início do século XX, que a saída dos japoneses para o Brasil à procura de um futuro melhor reverter-se-ia no final do mesmo século na “volta” dos descendentes para o Japão com o mesmo objetivo? Ao terminar de ler o referido romance, constata-se que ele é uma obra de profunda reflexão sobre os imigrantes japoneses e os dekasseguis brasileiros, desenraizados de sua terra natal, divagando num país que não é seu. Os destinos dos personagens se entrecruzam além do tempo e do espaço, o que dá a sensação de estarmos diante de uma obra de não-ficção, se não fosse pela observação do autor na folha de rosto do livro: “Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas ou fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.”

O autor Bernardo Carvalho, nascido no Rio de Janeiro, foi editor do suplemento de ensaios “Folhetim” e jornalista da Folha de S. Paulo. Possui várias obras publicadas entre romances e contos. O romance publicado em 2003, Nove noites, foi o livro através do qual tive o primeiro contato com este escritor. Carvalho trata nessa obra de um antropólogo americano, Buell Quain, de 27 anos, que se matou em 1939 no interior do Brasil entre os índios. A primeira impressão que tive foi a de estar lendo uma biografia e não uma ficção, pois, o personagem é real, cercado de nomes famosos que tomaram parte da história influenciando grandemente o campo da antropologia no Brasil.

O sol se põe em São Paulo também é estruturado de forma semelhante: entre personagens de ficção e nomes reais como Junichiro Tanizaki, o renomado autor de A chave, As irmãs Makioka, O elogio da sombra. Tanizaki aparece como confidente do passado de uma das personagens, transformando essa história em um dos seus romances. A verossimilhança é manuseada de forma tão habilidosa que o leitor chega a se

perder entre a realidade e ficção.

A estruturação do romance se dá em dois planos: o do narrador yonsei (quarta geração de imigrantes japoneses) que se envolve com Setsuko, dona do restaurante japonês num canto do bairro da Liberdade em São Paulo, de quem recebe a proposta de escrever um romance e o do aparente triângulo amoroso, que se desenrola no Japão, entre uma moça de boa família, Michiyo, seu marido Jokichi “que já não pode viver com o próprio nome, pois morreu numa guerra de que não participou” e Masukichi, “um ator de kyogen (teatro cômico tradicional) proibido de atuar”. Além deles, ainda há uma terceira figura sendo representada por “um homem que precisa deixar de ser quem é (burakumin=grupo de párias, um tabu na sociedade japonesa) para lutar pelo país que o rejeita” no lugar de Jokichi.

A façanha que, audaciosamente e com muita perspicácia o autor realiza é exatamente isso: retratar, sob uma visão aguçada e através de um mistério semeado, as tantas faces ocultas da sociedade japonesa, tecendo uma crítica sutil e convincente num espaço de pouco mais de 160 páginas. Prendendo a atenção do leitor através de poucas linhas iniciais, onde tece considerações a respeito do Céu e do Inferno citando autores como Kafka, Blake e Borges, o autor nos encaminha ao seu mundo, convidando-nos a desvendar juntamente com o personagem esse mistério que, na verdade, não é senão um questionamento da identidade do próprio leitor. Vemos aqui a agonia infundável do ser à procura de si mesmo, perdido no mundo dos espelhos, onde não há mais o ser concreto e, sim, apenas as ilusões refletidas na fria superfície de vidro.

Os locais que o narrador visita tanto no Brasil (Bastos, Promissão) quanto no Japão (Osaka, Kyoto, Nagóia) leva o leitor a viajar junto com o autor, como se estivesse peregrinando em busca de uma salvação para a alma à procura de si mesmo. E isso é muito bem descrito num trecho em que um americano explica a sua filha sobre o jardim de pedras e areia branca, num dos templos:

Não há nenhuma pegada. Você não vê o princípio do jardim zen? Tudo é marca do homem. Foi ele quem fez este jardim. Tudo é artificial, mas a marca do homem já não está aí. Ele desenhou o jardim, arrou a areia e desapareceu sem deixar rastros, embora o próprio jardim não seja outra coisa além do vestígio de sua passagem. (p. 119).

Tanto no Brasil quanto no Japão, nós encontramos os “vestígios” da passagem dos japoneses e seus descendentes, conforme descrito nesse trecho. A obra sugere uma volta às origens: faz com que o narrador encare de frente a sua existência como um descendente, sendo ao mesmo tempo uma redenção, um resgate da história real e

verdadeira vivida por cada um dos “párias.”

Do início ao fim entrecruzam o mistério e a tragédia, temperados com o sabor acre de ansiedade e compaixão. Isso arrasta o leitor para “dentro” do livro, como Alice para dentro do País das Maravilhas. É exatamente essa mesma sensação que o leitor experimenta diante de uma obra interessante, com uma força de atração inexplicável: você vive a vida dos personagens, de tal forma que quando se fecha o livro, pode chegar a sentir cansaço de ter feito uma longa viagem, envolto em neblina de lembranças.

O que Michiyo me propôs foi um aprendizado e um desafio. Deve ter reconhecido em mim a insatisfação que também a fez correr até onde o sol se põe quando devia nascer e nasce quando devia se pôr, para revelar tempos sombrios. Deve ter reconhecido o desacordo em mim. Quis me tomar por escritor, o que não sou. E me fazer escrever na frente da batalha, [...] nesta cidade que não pode ser o que, uma história de homens e mulheres tentando se fazer passar por outros para cumprir a promessa do que são [...] Uma história de párias, como eu e os meus, gente que não pode pertencer ao lugar onde está, onde quer que esteja, e sonha com outro lugar, que só pode existir na imaginação em nome da qual ela me contou uma história que pergunta sem parar a quem a ouve como é possível ser outra coisa além de si mesmo. (p. 163).

Para onde vamos, sendo impelidos ininterruptamente pelo tempo? Ninguém sabe, pois não há volta. A única certeza que temos é que atrás de nós forma um caminho, no qual deixamos rastros de nossa existência. Sua vida foi plenamente vivida? Poucas pessoas podem dar uma resposta concreta a essa pergunta, mas tudo indica que mesmo errantes, temos todo o direito de estarmos onde estamos agora e ser felizes. Não podemos ser além daquilo que somos e levamos tanto tempo para descobrir um fato tão simples e óbvio [...]

“O que for, quando for, é que será o que é” (Alberto Caeiro)